

## **A TRAJETÓRIA DE UMA LEGÍTIMA “SANGUE AZUL”: DE ALUNA A COMANDANTE DO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR DE PERNAMBUCO**

*Cristiane Vieira de Albuquerque Moura*<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta um breve relato sobre a trajetória de vida e profissional da autora, perpassando por momentos pessoais de uma menina que teve a sua vida inscrita na caserna desde a sua concepção, justificando o amor que corre em suas veias, arrepios e prenúncios de choros em solenidades militares. Em uma narrativa envolta de emoção e nostalgias, convido o leitor a caminharmos juntos em minhas saudosas lembranças, e quiçá identificar-se com conjunturas por quais experienciei. Seguindo uma cronologia desde minha infância enquanto aluna do Colégio da Polícia Militar de Pernambuco, o qual somos carinhosamente intitulados de “sangue azul”, seguindo com o meu ingresso como Oficial nas fileiras da briosa PMPE, a narrativa de minha carreira e finalmente a grata e abençoada missão, a qual exerço atualmente, de Comandante do educandário que me forjou.

**Palavras Chaves:** Trajetória; Aluna; Oficial; Comandante.

---

<sup>1</sup> Tenente Coronel da Polícia Militar de Pernambuco; formada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Clínica e Perita em Trânsito; Graduada no curso de Direito. Email: [crisvieiramoura@hotmail.com](mailto:crisvieiramoura@hotmail.com)

**THE CAREER OF A LEGITIMATE “BLUE BLOOD”: FROM  
STUDENT TO COMMANDER OF THE PERNAMBUCO'S  
MILITARY POLICE SCHOOL**

**ABSTRACT**

This article presents a brief account of my professional life trajectory, going through the personal moments of a girl who had her life enrolled in the barracks since her conception, justifying the love that runs through her veins, shivers and foreshadowing of tears in military solemnities. In a narrative shrouded in emotion and nostalgia, I invite the reader to walk with me in my nostalgic memories, and perhaps identify with the conjunctures I experienced. Following a chronology since my childhood as a student at the Colégio da Polícia Militar de Pernambuco, which we are affectionately called “blue blood”, following with my entry as an Officer in the ranks of the brilliant PMPE, the narrative of my career and experiences lived and finally the grateful and blessed mission, which I exercise today, as Commander of the school that forged me.

**Key Word:** Career; Education; Commander; People management.

**Artigo Recebido em 02/07/2022 e Aceito em 21/09/2022**

## **1. INTRODUÇÃO**

Oriunda de uma família tradicional e quase toda de sangue militar correndo nas veias, os *Albuquerque's*, como somos conhecidos na caserna, fazem parte da história de nossa briosa PMPE em diversificados postos, graduações, funções e aspirações.

Costumo dizer que sou militar desde o ventre de minha mãe, filha de um sargento há época e de uma manicure, nasci no Hospital da polícia militar no dia 11 de fevereiro de 1976, envolta de muito amor, carinho e dedicação de pais sempre preocupados com o futuro de seus filhos.

Abnegação define os meus pais Lucas e Zilma, pois tenho em minha memória lembranças de minha tenra idade, onde os mesmos desvelavam-se nos cuidados rotineiros comigo e meu irmão Lucas Júnior, dividindo com maestria as responsabilidades dos cuidados e acompanhamento de nossa educação.

Fico absorta quando relembro a minha infância, a qual foi muito bem aproveitada e bem vivida em todas as suas fases, com direito a brincadeiras com amigos no bairro onde morava, aulas de ballet, filmes dos trapalhões em todos os lançamentos nas férias, quedas ao andar de bicicleta, mesmo sendo observada pelo meu pai, o qual sempre me aflagava com palavras de encorajamento e afeto.

Comecei a estudar em um colégio de bairro adjacente onde eu morava de nome “Escola Branca de Neve” no qual iniciei a minha vida acadêmica no ensino infantil e conclui na 1ª série do ensino Fundamental aos 7 anos de idade; educandário que me proporcionou uma base educacional e preparo de excelência, e que foi um dos responsáveis pelo início de minha trajetória de vitórias, realizações e aprendizados. Eu não imaginava e não tinha nenhuma noção do que estava por vir em minha vida.

Um belo dia no ano de 1984 a minha mãe leva a mim e meu irmão para participarmos de uma seleção no Colégio da Polícia Militar, eu aos 7 anos de

idade e meu irmão aos 4 aninhos, recordo-me muito bem de não saber o que estava fazendo naquele prédio tão grande e imponente; fui colocada em uma sala junto com outras crianças para realizar uma prova de português e matemática, e que dias depois viria a ter conhecimento que havia sido aprovada em um concurso bem concorrido e que seria o primeiro ano que estava ingressando alunas, pois até então só existiam meninos estudando neste colégio super almejado por várias famílias.

Assim, este exórdio está dividido em 04 momentos. O primeiro retrata sobre a minha vivência como discente do CPM. Por conseguinte, apresento a minha trajetória como oficial nas fileiras da Corporação. No terceiro momento, faço um relato sobre a minha convocação e vivência como Comandante do Colégio da Polícia Militar, com a premissa de ser a primeira mulher a conduzir o Educandário que me forjou: De aluna a Comandante. Por fim, faço um relato sobre o Colégio da Polícia Militar e a sua importância na formação de cidadãos cômicos de suas responsabilidades e deveres.

## **2. VIVÊNCIA COMO DISCENTE NO CPM**

Como já dito, ingressei no CPM aos 7 anos de idade na antiga 1ª série, hoje segundo ano do ensino fundamental; após um concorrido processo seletivo para a primeira turma de meninas que estariam sendo admitidas no colégio, tendo em vista que desde a sua fundação em 1966 só estudavam meninos.

Na realidade, à época eu não sabia nem o que estava fazendo naquela escola tão grande e bonita aos meus olhos de criança, mesmo os meus pais tendo me orientado sobre a “provinha “ de português e matemática que eu iria realizar e que eu fizesse com atenção e zelo; lembro que foram momentos tensos, porque eu já tinha concluído a 1º série em uma escola no bairro, de estrutura pequena, mas bastante aconchegante e não compreendia o porquê de ter que sair dela, e ainda tive que enfrentar no dia da prova uma multidão de pessoas me empurrando e pisando no pé.

Quando comecei a estudar no CPM, o mesmo funcionava na rua Tabira s/n no bairro João de Barros, ficava um pouco distante de minha residência, pegava quatro ônibus diariamente, mas não era impedimento para sair mais cedo de casa, enfrentar ônibus cheio junto com outros colegas que residiam próximos a minha casa, filhos de militares também, éramos em 08 crianças, onde as mães uniram-se em acordo e a cada dia uma era responsável em nos conduzir para a escola e de retorno para casa.

O Colégio Militar possui um Regulamento Interno, onde a rotina dos alunos é disciplinada por um regimento. O meu cotidiano mudou muito desde que fui estudar no CPM, pois passei a ter responsabilidades que não possuía; como organizar a minha farda, engraxar os sapatos, limpar o cinto com produto que deixava a minha mão suja e com cheiro forte, mas tínhamos que andar no “padrão”, e ainda andava com uma flanela na bolsa para ficar limpando os sapatos antes de entrar na escola, pois tinha um sargento monitor o qual ficava no portão com uma prancheta anotando os alunos que estivessem “alterados”.

**A aluna CPM nº 1097 Cristiane** - todos os discentes possuíam uma numeração, nunca tive problema com relação a disciplina na escola, pois era com muito prazer que eu ostentava a farda do Colégio da Polícia Militar, tinha orgulho em ser apontada na rua, e ouvia quando as pessoas diziam: *“Olha ali, já vai uma aluna do colégio militar, que coisa mais linda”*. Só que eu fazia de conta que não estava ouvindo, e passava bem faceira.

Gostava muito de permanecer na escola e ficava arranjando motivos para perdurar o dia todo, como gostava de ler vivia na biblioteca pegando livros e material de estudo, até porque a minha geração não foi contemplada com internet nem redes sociais; eu era atleta de handebol e ficava após as aulas para os treinos 2 vezes por semana e quando se aproximava das competições os dias de treino aumentavam; tinha o sonho de entrar na banda de música da escola, mas o meu pai não autorizou, dizendo que eu já fazia coisas demais e queria morar na escola, fiquei triste no momento, mas depois compreendi a preocupação dele.

O Colégio tem uma filosofia e valores militares, o qual possui uma política de promoção aos alunos que se destacam nas notas ao término do ano letivo e média disciplinar, os quais são condecorados no ano subsequente no posto ou graduação concernente a sua série, que vai de aluno Cabo (6º ano) até Coronel aluno (3º ano do Ensino Médio). Sempre senti muito prazer ao estudar, e por uma consequência positiva fui promovida de aluna Cabo até aluna Capitã, passando por aluna sargento e aluna Tenente (1ª e 2ª).

O colégio foi fundado no dia 13 de maio de 1966, onde anualmente é comemorado o seu aniversário com alguns eventos, em sua programação consta a solenidade de promoção dos alunos que lograram êxito na média global, reunindo familiares, autoridades da corporação e convidados. As minhas promoções ocorreram em alguns anos no Campo de DERBY e outras no GERALDÃO. Lembro que eram momentos esplendorosos e emocionantes, iniciando nos treinamentos, onde eu começo a me arrepiar e chorar, só cessando ao término da solenidade; os meus familiares ficavam sempre muito impactados, pois eram ocasiões inesquecíveis.

Muito dinâmica e diligente, nunca me dava por satisfeita quando o assunto era adquirir conhecimento e potencializar as minhas habilidades; sempre buscando fazer cursos e me aprimorar; aos 14 anos resolvi ser professora particular de matemática, e deu tão certo que chegou um momento que não estava dando conta da procura, pois eu ensinava na residência dos alunos, e não tinha mais agenda.

Além de tudo que fazia na vida, quando estava cursando a 8ª série fiz um curso preparatório (Pró-Técnico) promovido pela antiga Escola Técnica Federal de Pernambuco, para me submeter a seleção de ingresso no curso de edificações desta conceituada instituição, pois já estava pensando em meu futuro; pois na realidade o meu sonho era ser Oficial da Polícia Militar, mas não sabia se abriria vaga para o feminino quando concluísse o ensino médio, e queria garantir um caminho a percorrer.

Fui aprovada em 6º lugar para o curso de edificações, o qual cursei 02 períodos concomitantemente com o 1º ano do ensino médio no CPM; eu corria muito o dia todo, dava aulas e estudava na madrugada; era tudo muito intenso, mas eu amava tudo o que fazia. Mesmo sem saber se teria o concurso para o CFO (Curso de Formação de Oficiais) para mulheres, resolvi trancar o curso de edificações e ficar só com uma aluna de aula particular para poder me dedicar e me preparar para um proeminente concurso, o qual era o meu desejo de vida.

Diante de tanta atividade desenvolvida no meu primeiro ano de ensino médio, não consegui com a minha média anual ficar dentro das vagas para ser promovida a aluna Major, encerrando a minha carreira de aluna promovida, pois a cada ano o número de vagas é menor. Mas não me deixei abater, estava tão focada em meus estudos e objetivo que só fazia estudar, muitas vezes estudando 12h por dia, inclusive finais de semana e feriados.

Não posso deixar de registrar que foi no Colégio onde conheci no último ano um vistoso e atraente rapaz também “sangue azul” chamado Juscelino, e que eu nem imaginava que Deus o tinha preparado para ser o meu marido e pai de meus dois filhos, Gabriel e João Pedro. São 28 anos de convivência e 22 anos de casados, uma família abençoada, no qual tenho filhos amáveis que só nos dão orgulho, um esposo amigo e companheiro para todos os momentos de minha vida pessoal e profissional, o qual também respira, ama, sonha e participa junto comigo diariamente o “ser” CPM.

O Colégio da Polícia Militar possui um ensino de excelência, com características arraigadas, pautadas na hierarquia e disciplina, fui forjada e preparada para as nuances e os desafios que a vida impõe; pois este educandário me ensinou preceitos de cidadania e humanidade; sempre caminhando junto com a minha família em minha formação.

Ao cruzar os portões do CPM em meu último dia como discente, senti um misto de alegria, tristeza e medos, pois não teria mais o acolhimento de todos os que me acompanharam desde minha infância; a alegria advinha de

uma sensação de conquista por ter concluído com louvor, pois o colégio possui um nível pedagógico elevado.

Passei anos cantando nas formaturas a canção do CPM, a qual em sua letra diz: 'A ESTRELA QUE AO LONGE CINTILA NOS ENSINA O CAMINHO A TRILHAR'; e neste último dia pude vivenciar e sentir a emoção do que isto verdadeiramente significava, pois eu estava naquele dia seguindo este caminho.

### **3. TRAJETÓRIA COMO OFICIAL NAS FILEIRAS DA CORPORAÇÃO**

Em meados do ano 1994 tomei conhecimento que naquele ano estaria abrindo o concurso para ingresso de Oficiais da Polícia Militar, sendo ofertado 100 vagas para o masculino e 06 para o feminino. Como fiquei radiante, mas ao mesmo tempo muito preocupada com a pouca quantidade de vagas para o nosso público, pois à época os quadros masculino e feminino eram separados, por isso que existiam limites de vagas para as mulheres.

No meu último ano do ensino médio intensifiquei os meus estudos, não me permitia sair aos finais de semana, nem fazer qualquer outra atividade que me desviasse o foco, pois estava em busca de meu sonho. Fiz cursinho de três matérias isoladas, como uma forma de potencializar o meu aprendizado, até porque os professores e o ensino do Colégio da Polícia não deixavam a desejar para nenhum Colégio de renome há época.

Algo me marcou muito no primeiro dia de prova do processo seletivo, foi o fato de que praticamente todas as alunas do colégio promovidas no ensino médio, super estudiosas e dedicadas estavam também realizando o certame, eram concorrentes superfortes, me deixando bem ansiosa.

Foram dias de angústias que passei aguardando o resultado, o qual terminou e foi transformado em muita emoção quando recebi o resultado, sendo aprovada em 6º lugar, estando assim dentro das vagas. Com a primeira etapa concluída com sucesso, a partir daquele momento precisava me concentrar para enfrentar as etapas seguintes, que seriam exame médico,



físico e psicológico. Ao término de todo o processo e divulgação da lista de resultado final fiquei para a minha surpresa em 4º lugar, conquistando assim uma vaga no Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar de Pernambuco.

O curso teve uma duração de 03 anos na modalidade de semi-internato, onde chegávamos na noite do domingo e só saíamos no final da tarde da sexta-feira, caso não estivéssemos de pernoite ou licença cassada para o final de semana. Ingressei na equipe de equitação da academia e por conta disto tinha a liberação de pernoites nos dias de treino; todavia a minha participação só durou 04 meses, porque sofri uma queda do cavalo que me deixou bem machucada e com um medo insuperável, acabando por deixar a equipe.

O período de 3 anos na Academia de Polícia Militar de Paudalho foi deveras desafiador, mas de muito aprendizado e emoções; a minha turma era composta por alunos Oficiais Policiais Militares (feminino e masculino) e Bombeiros Militares, além de alunos de outros estados como a Paraíba, Amazonas (masculino e feminino), Mato Grosso do Sul, Sergipe e Góias.

Na academia a convivência com os alunos de minha turma e dos outros anos era muito salutar, nos ajudávamos a todo momento. Foram períodos inesquecíveis e algumas amizades permanecem até hoje, pois acabamos virando uma família, principalmente entre o feminino. Como ficávamos a maior parte das atividades acadêmicas juntas e no mesmo alojamento participávamos das vitórias e conquistas, mas também chorávamos as agruras sentidas.

Ao concluir o curso de formação de Oficiais da Polícia Militar de Pernambuco no ano de 1997, foi com grande regozijo que recebi das mãos de meus pais “A ESPADA” símbolo do Oficialato, em solenidade ocorrida no campo do Derby, remetendo-me as lembranças quando de minhas promoções enquanto aluna promovida no CPM; não poderia ter sido um momento mais simbólico, célebre e regado a muita emoção, pois era um sonho almejado e início de uma carreira promissora.

A primeira unidade que servi como aspirante a Oficial foi o BPRV (Batalhão de Polícia Rodoviária), sendo a primeira e única policial feminina da unidade, a qual me recepcionou muito bem, apesar de um pouco desconfiados. A equipe ainda não sabia como administrar em sua dinâmica a presença feminina, era tudo muito novo para o efetivo e principalmente para mim, como por exemplo a farda operacional, pois há época só existiam acessórios e coberturas para o masculino.

Trago à memória e confesso com certo saudosismo, o dia em que soube que os policiais estavam trocando o dia na escala de serviço para não trabalharem comigo, pois disseram que não sabiam o que fazer com uma mulher no comando. Quando eu tirava o serviço de Oficial de Operações da Unidade, o efetivo tinha receio de que em uma ocorrência deixassem de dar o apoio necessário para ter que me proteger. No momento entendi como zelo, pois todos os militares da unidade sempre foram muito atenciosos e solícitos comigo.

Com o passar do tempo os policiais foram percebendo a minha forma de trabalhar e apoiá-los no terreno, pois quando eu assumia o serviço de Operações seguia para a rua e parava em todos os postos e companhias da Unidade para saber como eles estavam e se precisavam de alguma coisa. Como a área de responsabilidade do batalhão era grande, abrangendo área norte e sul, eu passava o dia todo em apoio aos militares de serviço e só chegava no batalhão tarde da noite, quando não era acionada para auxiliá-los em ocorrências.

Em poucos meses percebi a mudança no comportamento para comigo e passando a ter um retorno positivo quanto a minha postura e atuação em função de comando quando tirava serviço de Oficial de Operações e como Chefia de seções no administrativo.

Eu gostava muito do batalhão, do efetivo e tudo o que eu fazia na unidade; foram 2 anos de muito aprendizado e amizades adquiridas. A minha primeira experiência foi inenarrável, e por conta de meu desempenho acabei

recebendo um convite para trabalhar no Centro de Assistência Social da PMPE. Fiquei impactada inicialmente, pois gostava muito do batalhão rodoviário, todavia compreendi que seria um novo momento em minha carreira, então acabei aceitando e seguindo para um novo desafio.

Ao chegar no CAS ( Centro de Assistência Social ) assumi como coordenadora da Creche Tio Jener, unidade mantida pelo Centro com a finalidade de apoiar as mães policiais militares que trabalhavam e podiam deixar os seus filhos em um estabelecimento educativo o qual desenvolvia um papel significativo no acolhimento e instrução das crianças.

Trabalhei no CAS por 11 anos, em alguns setores administrativos e fiquei à frente de projetos. Foi neste período que iniciei o meu curso de psicologia, tendo objetivo de exercer essa atividade em minha hora de folga em uma área que possuía tamanha admiração destarte tive a oportunidade de estagiar no gabinete de psicologia, sendo acompanhada por umas das melhores profissionais que já conheci, a então Capitã Tereza Cristina, Chefe do Gabinete de psicologia, a quem também devo o meu conhecimento e crescente amor pela profissão.

Ao concluir a faculdade fui convocada pela Chefe do gabinete para assumir a subchefia, o que de pronto e muito satisfeita aceitei, pois estava atuando em duas profissões que tanto almejei, sendo Oficial da Polícia Militar e Psicóloga. Por alguns anos exerci atividades exclusivamente no gabinete, atuando de forma específica em atendimentos clínicos e aplicação de bateria de testes para emissão de laudos psicológicos.

Depois de tanto tempo no CAS não imaginava o que estava por vir e que mudaria radicalmente a minha vida e de minha família. Em meados do ano de 2011 fui mais uma vez convidada, desta vez para trabalhar no 5º BPM sediado na cidade de Petrolina. Confesso que fiquei amedrontada e tentada ao mesmo tempo, fui para casa conversar com o meu marido, que também é policial militar, pois teríamos as nossas vidas totalmente mudadas, assim como dos nossos dois filhos, Gabriel e João Pedro, há época com 9 e 8 anos

respectivamente. Quando falei para ele sobre a proposta que havia recebido ele respondeu: *“Aceite o convite... porque se for de Deus dará tudo certo, caso contrário alguma coisa irá travar.”*

A resposta de meu marido me deixou bem surpresa, mas foi a resposta que precisava ouvir para poder decidir e no outro dia aceitar o convite. Para a minha surpresa, em um mês estava transferida, com casa alugada e os filhos matriculados na escola; ocorreu como o meu marido havia falado, Deus nos abençoou e tudo transcorreu bem.

Ao chegar na cidade de Petrolina fiquei bastante encantada com a bela cidade, muito limpa e organizada, com pessoas muito acolhedoras e simpáticas. Todavia o meu primeiro desafio foi superar a falta da família e por não ter nenhum parente na cidade, já que o meu marido não havia sido transferido ainda. Fiquei com as crianças e uma senhora que me ajudava, a qual por ter tanto amor aos meus filhos decidiu encarar comigo esta nova missão.

Foi uma mudança tão grande, que tinham momentos que eu não acreditava no que estava acontecendo, e ao me apresentar no 5º BPM para trabalhar veio o meu segundo desafio. Era tudo muito novo para mim, fazia muito tempo que estava atuando em Unidade administrativa e agora estar em um batalhão novamente, ficando um tanto perdida de início, sendo dias muito tensos para mim. Apesar de tudo, encontrava-me muito animada e feliz em poder aprender algo novo, pois como sempre fui dinâmica e focada, os desafios sempre me fascinaram, impulsionando-me a potencializar as minhas habilidades.

Fui muito bem recepcionada pelo comandante e todo o efetivo, isto me ajudou muito em minha adaptação, até porque estava assumindo a 3ª seção da unidade, que era considerado o coração do batalhão, sendo a seção responsável por todo o planejamento operacional. Quando soube de minha missão fiquei atônita, mas tive um grande apoio de minha equipe, a qual me ensinava diariamente. Petrolina por ser uma cidade grande e com muitos

eventos, praticamente todos os dias haviam operações a serem planejadas e executadas. O tempo que permaneci nesta função adquiri uma experiência imensa, a qual me ajudou a ter uma visão ampliada de chefia e gerenciamento. Assumi também a Chefia da 1ª seção, responsável pela gestão de pessoas, isto é, dos policiais do Batalhão.

Após 03 anos fui transferida para DINTER II (Diretoria Integrada do Interior), unidade responsável por 11 Unidades operacionais do Sertão. Foi uma vivência que me proporcionou um acréscimo de conhecimento extraordinário na área profissional, porque durante o período em que lá permaneci assumi funções estratégicas de diretoria, e por conta disto passei a ter contato com todos os comandantes das unidades e suas equipes, além de autoridades civis e coirmãs.

O período em que residi e trabalhei em Petrolina foram determinantes para forjar a profissional que me tornei. Mesmo depois de 11 anos trabalhando na mesma unidade, aceitei o desafio de mudar totalmente a minha vida, saindo da “zona de conforto” em que vivia, e encarando uma rotina frenética de batalhão e diretoria, participando de escalas de fiscalização, reuniões com poderes públicos, comandando operações e grandes eventos; como eu gostava daquela correria.

No dia 21 de abril de 2018 perto de completar 07 anos em Petrolina, por motivos pessoais retornei para Recife, e o dia de meu regresso ficou bem marcado em minha vida e memória, pois foi o dia em que publicou em Diário Oficial a minha promoção ao Posto de Tenente-coronel. Estava muito feliz mas ao mesmo tempo com o coração apertado, porque gostava muito da cidade que me acolheu tão bem, onde ao lado de minha família vivi momentos inesquecíveis. Um hiato que me marcou de uma forma indescritível, todavia o meu período de permanência havia findado e chegado a hora de retorno à capital.

Ao chegar em Recife tive a grata surpresa quando tomei conhecimento que tinha sido indicada para ir trabalhar na DPO (Diretoria de Planejamento

Operacional) e tendo como comandante e diretor o CEL ROBERTO, um oficial que sempre prezei muito, por sua postura, integridade e liderança, sendo admirado por muitos. Ter a oportunidade de estar ao seu lado e integrar a equipe daquela seleta diretoria, para mim era um presente que Deus estava me concedendo. No entanto, passei pouco tempo na DPO, pois logo recebi um convite para ser Diretora Adjunta da DAL (Diretoria de Apoio Logístico), sendo a minha primeira oportunidade como subdiretora de um setor de grande importância para a corporação. Sai de coração apertado, mas segui as orientações deste grande Oficial, o qual me motivou dizendo que seria importante para mim, pois começaria a enxergar a PMPE a partir de uma outra perspectiva.

O meu período de permanência na DAL foi bastante proveitoso, passando a vivenciar os bastidores das operações, suprimindo a demanda da tropa com viaturas, armamento e combustível. Algo muito interessante, por ter vivenciado a rotina de um batalhão, diretoria, participado de planejamentos suntuosos; diante disto adquiri e passei a desenvolver uma visão holística da corporação, aguçando ainda mais o meu sentimento de pertencimento.

Desde que fui para Petrolina, diante das funções de Chefia que exercia, sempre tive dificuldades em tirar férias, pois me sentia muito responsável por minhas missões, não conseguindo me desligar de meus compromissos profissionais. Após 12 meses na DAL, consegui tirar 15 dias de férias, todavia para a minha estranheza, no meio de meu recesso, recebi uma ligação de meu diretor me informando de que eu tinha sido indicada pelo subcomandante geral para uma nova missão. Em virtude da minha formação como psicóloga estava sendo transferida para ser a diretora adjunta da DGP-4, seção que trata de assuntos inerentes aos policiais veteranos, funcionários aposentados e pensionistas da corporação.

Tenho que admitir que a notícia de minha transferência da DAL para a DGP-4 não me agradou. Gostava do que fazia e tinha uma equipe muito boa de trabalho e com a qual tinha uma excelente relação interpessoal. Além de

não compreender o que na realidade estava ocorrendo, estava indo para um setor que passava por dificuldades o que me deixou um pouco amedrontada de início.

Ao retornar de férias, fui apresentada ao diretor da DGP (Diretoria de Gestão de Pessoas) o qual me recepcionou muito bem e fui informada que estaria respondendo pela DGP-4, pois ainda seria designado um Coronel com perfil para assumi-la junto comigo. Ao chegar na seção fiquei admirada com a quantidade de pessoas para ser atendida em uma sala pequena a qual intitulavam de recepção. Uma poluição sonora descomunal, e uma gama de demandas represadas, além do efetivo o qual encontrava-se repleto de expectativas.

Aconteceu o que eu não imaginava, o que outrora não me agradara a notícia da minha ida à DGP-4, em poucos dias foi transformado em grata satisfação. Quando compreendi a dinâmica da seção, percebi que eu estava tendo a oportunidade de gerenciar um setor tão importante para a vida de todos os policiais militares, funcionários civis e familiares da corporação, desenvolvi um “slogan” sempre afirmando que: “A DGP-4 é a última unidade onde servimos”, e que ao sucumbirmos, seriam os nossos familiares os membros desta família”.

Comecei a empreender o meu ritmo de trabalho, com a implementação de modelos gerenciais inovadores para a caserna. Em poucos dias eu já começava a perceber sutis mudanças na performance do time, o qual passei a chamar de “Família DGP-4”. Aproximadamente 02 meses depois de minha assunção, foi designado o Cel Sá como o novo diretor da DGP-4, notícia que me deixou bastante satisfeita. Já tendo trabalhado com ele no sertão, sabia do profissional de excelência, e ser humano irrepreensível que o mesmo era e continua sendo.

Concomitantemente com a vinda do Cel Sá à DGP-4, demos continuidade ao projeto que já estava sendo desenvolvido por mim, e implementamos outros, sempre com o ânimo de fazer o melhor para os nossos

veteranos e familiares. Foram 02 anos memoráveis que passei neste lugar, pois diariamente eu me tornava uma pessoa e profissional melhor. Quebrantada pelas histórias que ouvia diariamente dos que chegavam em nossa diretoria, onde muitas vezes o que desejavam era somente serem ouvidos. Para muitos a ida para a reserva ou reformado era motivo de adoecimento emocional e por consequência físico. Precisávamos apoiar àqueles que dedicaram a sua vida à nossa corporação.

Tive a oportunidade de chefiar também a seção responsável por instruir os processos de transferência para a inatividade onde passei apenas 03 meses, mas tempo suficiente para conhecer e experimentar as duas vertentes que permeiam a dinâmica de aposentação do militar, desde o seu ingresso no requerimento de solicitação até a oficialização de toda a rotina administrativa.

#### **4. CONVOCAÇÃO E VIVÊNCIA COMO COMANDANTE DO CPM : DE ALUNA A COMANDANTE.**

Me recordo como se fosse hoje, onde em uma bela manhã no mês de junho de 2021, não me recordo a data, encontrava-me tomando café na residência de uma grande amiga a CEL RR PM Adriana, pois estava em gozo de férias de 15 dias, quando percebi o meu celular tocando. Ao atender o telefone para a minha surpresa era o Cel Sá que à época exercia a função de Diretor de Gestão de Pessoas da PMPE. Perguntando se eu estava bem e se estava sentada, onde respondi: *“Está tudo na benção Cel e estou sentada sim, mas meu Deus meu comandante não se faz isso com uma mulher, já estou nervosa o que houve?”* Ele começou a rir e disse: *“Você está indo Comandar o Colégio da Polícia Militar, e o Comandante Geral está dizendo que é uma missão”*. Fiquei em estado de choque, não sabia se agradecia, se chorava, perdi a fala e a lucidez, só não cai da cadeira porque estava sentada. Levou alguns segundos para compreender o que estava ouvindo. *“Comandar o CPM?”*. *“Sim Cristiane, comandar o Colégio da Polícia Militar”*, disse ele. Muito



emocionada e com a voz embargada só consegui dizer: “*Muito obrigada Cel, ... diga ao meu Comandante que estou muito feliz e grata*”. Ao desligar o telefone a minha amiga começou a gritar e pular de alegria, eu continuava sem reação.

Ao chegar em casa ainda atônita com a notícia, comecei a chorar de tanta emoção e a pensar na grandiosidade da missão. Confesso ter ficado bastante temerosa visto que a responsabilidade era muito grande, contudo, estava tendo a possibilidade de retornar ao local que me forjou, e o mais gratificante como comandante e primeira mulher a assumir o Cargo. Os amigos e colegas de trabalho me parabenizavam e diziam: *Cristiane você está realizando um sonho indo comandar o colégio*. E eu respondia: Não é um sonho realizado, porque para mim era um algo muito distante, nunca imaginei que seria possível isto acontecer, foi um presente de Deus em minha vida.

Assumi o Colégio da Polícia Militar de Pernambuco no dia 01 de julho de 2021, após solenidade de passagem de Comandos ocorrida na Academia de Polícia Militar do Paudalho. Estava muito nervosa no dia, pois nunca tinha passado por um momento igual, recebendo em um Ato Solene um Cargo frente ao Comandante Geral da Polícia Militar. Ensaiei inúmeras vezes o que tinha que proferir na ocasião, com receio de errar e passar vergonha na frente de todos que assistiam.

Ao chegar ao Colégio no dia seguinte já empossada como Comandante, parei em frente a entrada principal, respirei fundo e agradei muito ao meu Deus. Porque a Tenente-Coronel Cristiane que todos conhecem e veem hoje é a compilação do trabalho do Senhor Jesus em minha vida, da dedicação dos meus amados pais e o colégio da polícia militar que me moldou. Adentrei em minha sala com o enorme desejo de fazer o melhor para os meus alunos, que passei amar e adotei como meus filhos “sangue azul”, e toda a equipe CPM.

Fazem exatamente 01 ano e 02 meses que vivencio emoções diárias, primeiro porque ao andar pelo colégio, o qual faço quase todos os dias, é uma memória viva, onde me vejo em cada espaço e consigo lembrar de muitos momentos que experienciei. Segundo porque procuro participar da vida de

meus alunos nas questões disciplinares, seja na área pedagógica, na vida familiar e social deles. Vibro com cada conquista e me entristeço com as dificuldades que passam. Terceiro porque na escola todos os dias é uma novidade, não tenho ócio, todo dia é um desafio.

Ao sair de casa para ir ao Colégio costumo dizer que não vou trabalhar; tenho tanto amor pelo o que faço, que para mim é um prazer passar o dia com os meus filhos “sangue azul” e a família CPM. Exaltando o que diz uma amiga: *“Quando fazemos o que gostamos estamos sempre de férias.”* Realmente estou diariamente de férias e fico muitas vezes até chateada com “relógio” já que a hora passa rápido demais e quando vejo o dia já se foi.

O aprendizado tem sido diário junto ao meu time, pois enquanto comandante preciso conhecer a escola integralmente, compreendendo as suas vicissitudes, em razão de que é tudo muito distinto do que já passei na caserna. Isso me motiva diariamente, procurando me capacitar, buscar parcerias, melhoramentos em todos os níveis. As demandas são reais e intensas todavia me impulsionam a avançar cada vez mais, pois o meu sentimento é de gratidão e reconhecimento por este educandário, aos mestres e a todo o efetivo.

## **5. RELATO SOBRE O COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR**

Em 13 de maio de 1966, o então Ginásio da Polícia Militar de Pernambuco foi inaugurado, o Governador Paulo Guerra descerrou a fita de inauguração do GPM, na Av. João de Barros, na Boa Vista onde hoje funciona o conservatório pernambucano de música.

Depois de um ano de fundado, em 1967 e contando com 165 alunos, o GPM mudou-se para um prédio próprio na Rua Tabira s/n, tendo até uma solenidade de inauguração do prédio novo, a qual contou com a participação do então governador do estado e da cobertura jornalística do Diário de Pernambuco, tamanha a importância do nosso CPM.

No dia 15 de dezembro de 1969, o Ginásio passou a ser chamado de Colégio da Polícia Militar, através do Decreto Estadual nº 1854. A 1ª Série do 2º Grau começou a ser lecionada logo no ano seguinte (1970), tendo em 1972 formado a sua primeira turma do Científico. Em 1979, foi criado o curso Pré-Escolar denominado atualmente de Educação Infantil.

Em 1984, o CPM passou a funcionar no prédio cedido pela Escola Técnica Federal de Pernambuco na Rua Henrique Dias s/n no bairro do Derby, atual instalação. Em 1985, o CPM com maiores instalações físicas deu outro significativo passo, abrindo suas salas de aula para o público feminino.

O Colégio da Polícia Militar de Pernambuco é um educandário reconhecido por ser uma instituição tradicional e de valores arraigados na cultura e nos valores militares; oferta uma educação de qualidade, buscando um aprimoramento de suas práticas pedagógicas e potencialização na educação e orientação de um aluno cidadão cômico de seus direitos e deveres.

O nosso educandário oferece aos filhos dos militares estaduais e dos servidores das duas corporações um ensino de qualidade que vai da Educação Infantil ao Ensino Médio. Além do programa pedagógico básico, o colégio proporciona aos seus alunos a vivência de práticas desportivas, iniciação musical, projetos de reforço escolar e preparatórios para os exames de ingresso em universidades, além de promover, em sua rotina diária, atividades cômico militares com o objetivo de desenvolver o espírito de corpo, o respeito aos símbolos nacionais, a fraternidade e o amor ao país.

O corpo discente na unidade da capital é composto por 1348 crianças e adolescentes que são acolhidos e orientados a desenvolver ao máximo suas habilidades pela equipe pedagógica e todos que aqui trabalham.

Contamos também, com um Anexo funcionando na cidade de Petrolina, criado em 2011, para atender os militares estaduais e servidores das corporações no sertão do São Francisco, atualmente possuindo uma Educação que vai do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio, composto por 456

estudantes. Concomitantemente com a sede Recife, obedece aos valores e cultura militar, além da filosofia pedagógica e direcionamento de nossos discentes.

Há 56 anos, esta casa de ensino serve as famílias policiais, bombeiros militares, servidores e sociedade com zelo, carinho e comprometimento com o futuro dos novos cidadãos pernambucanos.

## **6. CONCLUSÃO**

Ao relatar sobre a minha história profissional me causou uma agradável e saudosa lembrança, pois ao me debruçar por momentos de meus dias frente ao meu computador procurando trazer a memória fatos de minha trajetória foi de uma nostalgia indescritível. Sou muito grata a Deus por tudo o que me proporcionou, pela família que me concedeu, por haver cumprido os desejos de meu coração, me considero completa e realizada. Contudo permaneço em sua dispensação para continuar realizando a Sua Vontade na Trajetória de Minha Vida.

**GRATIDÃO ME DEFINE !**

## **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTI, Carlos Bezerra, 1949 - Expoente de vida alcançado: 45 Anos CPM – 2011.

PERNAMBUCO, Polícia Militar. Portaria nº 2353, publicada no BGSDS nº116 de 18 de junho de 2021. A partir de 01 de julho de 2021.

\_\_\_\_\_. Suplemento de Pessoal n 008 de 01 de julho de 2021.